

ENCONTRO DE ECONOMISTAS

– REDE JUBILEU SUL BRASIL –



Dia 12 de julho de 2025, no Sindsprev / Rio de Janeiro

DOCUMENTO-SÍNTESE DOS PRIMEIROS DEBATES

O “Encontro de economistas e afins” reuniu pessoas de todas as regiões do país no Rio de Janeiro para debater os elementos estruturantes que determinam os rumos da economia brasileira. Foram identificados diversos pontos de convergência que apareceram nas falas dos e das participantes, indicando uma base comum considerável, conforme veremos a seguir. Isso diz respeito ao entendimento sobre de onde partir em termos de análise sobre a atual fase do sistema capitalista, sobre a natureza e os desafios dos tempos atuais. Ao final, o documento também inclui pontos de divergência e possíveis caminhos a serem trilhados. O evento foi realizado pela Rede Jubileu Sul Brasil e contou com o apoio do Andes-SN.

RELATOS E CONVERGÊNCIAS

Genocídio do Povo da Palestina – como uma manifestação da crise do sistema capitalista

Esse genocídio denuncia os limites da democracia burguesa, a crise das instituições construídas pós a IIGG, como a ONU, e, que o capitalismo já não se sustenta pela sua completa desumanização. E, o genocídio também trouxe à tona a capacidade e necessidade da resistência.

Crise Estrutural do Capital: Há um consenso geral de que a crise atual não é meramente conjuntural, mas uma crise estrutural do capital, que se manifesta em múltiplas dimensões (econômica, social, ambiental, política). A ideia de que o capitalismo não vai acabar por suas crises, mas que a crise atual ameaça a vida civilizada da humanidade, é um ponto recorrente.

Preponderância da Financeirização: Vários presentes concordam que a emergência e a preponderância do setor financeiro são características centrais do capitalismo contemporâneo. A financeirização da vida, da

natureza e dos próprios ativos é vista como um mecanismo de captura de riqueza que não se dá mais apenas pela via clássica da produção.

Degradação das Condições de Trabalho: A precarização do trabalho, a informalidade, a uberização e a intensificação da exploração são amplamente reconhecidas como consequências da crise e das respostas do capital. A reconfiguração da classe trabalhadora com a fragmentação e a heterogeneidade, é um desafio comum apontado. A continuidade das expropriações segue ampliando a quantidade das massas populares necessitadas da venda da força de trabalho.

Colapso Ambiental e Climático: A catástrofe climática e ambiental em curso é um ponto de convergência essencial, sendo considerada uma das manifestações mais graves da destrutividade do capital. A urgência da superação da ordem social capitalista é vista pelos participantes como necessária para evitar o aprofundamento dessa catástrofe. Contudo, a consciência geral da sociedade sobre os impactos das mudanças climáticas no planeta, inclusive nas próprias organizações de esquerda, ainda está localizada nas populações tradicionais dos territórios em conflito com o capital e em movimentos muitas vezes ainda vistos como de “vanguarda”.

Sobre a caracterização do capitalismo contemporâneo, algumas falas foram no sentido de que as mudanças climáticas, ao invés de induzir correções de rota, estão produzindo o capitalismo de catástrofe, especialmente nos países do sul global. A catástrofe se torna deste modo uma organizadora e intensificadora da reprodução deste capitalismo autofágico. A intensificação dos processos de privatização, segregação e gentrificação nas regiões/cidades/territórios atingidos por desastres induzidos, demonstra que o metabolismo destrutivo do capitalismo não encontrará “limites naturais” e somente será detido e superado com a organização social autônoma e revolucionária em escala global.

Ofensiva da Extrema-Direita e Neofascismo: A ascensão da extrema-direita e do neofascismo é identificada como uma resposta do capital à sua própria crise estrutural, buscando administrar a barbárie e não a superar; impondo, quando obtiveram vitória eleitoral, uma política de terra arrasada, descrédito das instituições, supressão de direitos etc. A aliança entre neoliberalismo e neofascismo é um ponto de concordância. Genocídio do povo da Palestina – como uma manifestação da crise do sistema capitalista, mostra que não tem mais volta, atualizando a insígnia luxemburguista: ecossocialismo ou (perpetuação da) barbárie!

Crítica ao Social-Liberalismo: Há um consenso crítico sobre o papel dos governos social-liberais ou de centro-esquerda que, ao tentarem gerir a crise dentro dos marcos do capitalismo, acabam por aprofundar a precarização e, paradoxalmente, fortalecer a extrema-direita ao se apresentarem como a única alternativa a ela. A “armadilha social-liberal” é uma expressão que resume essa convergência.

Necessidade de Superação do Capitalismo: A ideia de que não há solução para os problemas estruturais (sociais, ambientais) dentro do capitalismo é um fio condutor do debate. A necessidade de pensar “para além do capital” e de pautar a revolução ou uma transformação social radical é um ponto comum, ainda que as estratégias para chegar lá diverjam.

Mundo do Trabalho: As classes dominantes ainda precisam da exploração do trabalho, porém, vemos uma reconfiguração da classe trabalhadora no mundo todo.

A Luta Contra Opressões faz parte da Luta Contra o Capital: Lutas antipatriarcais, antirracistas, anti-LGBTfobia e que afirmem o princípio da busca por equidade de raça, gênero, são centrais na luta de classes.

Avanço da Mitologia sobre setores da Classe Trabalhadora: (do) o imaginário da prosperidade, implantado sobretudo pelas igrejas evangélicas e mídia hegemônica, pode ser associado à própria ideologia neoliberal.

Agenda Trumpista: a agenda político-econômica do governo Trump tem gerado uma nova corrida armamentista por parte dos países, como é o caso da União Europeia e Oriente Médio. A repetição da tragédia mercantilista só escancarou a crise de hegemonia do império (que tem uma forte veia comercial).

A Economia Verde Não É uma Alternativa: faz-se necessário denunciar as falsas soluções que vão na linha de um suposto capitalismo verde, sendo esse entendido como mais uma metamorfose do capital em sua busca por reproduzir-se.

Sentidos da Luta: Foi citado que a luta da classe trabalhadora deveria ser socialista, anticapitalista, anti-imperialista, anti-patriarcal, ecológica e também anticolonial.

No processo de falência do próprio imperialismo e a hegemonia do dólar como moeda mundial de troca, faz-se necessário a desdolarização das

economias com moedas alternativas como a dos Brics.

Papel econômico e geopolítico da China e dos Brics no desafio ao império estadunidense, que continua forte, porém com sua hegemonia cada vez mais ameaçada. Isso explica a ofensiva comercial atual, bem como a violência institucional por meio de guerras.

A tecnologia tem servido para robotizar, automatizar e produzir com bem menos trabalhadores, com diferenciação grande entre a classe trabalhadora. Não temos uma classe homogênea.

Ausência quase que completa de processos revolucionários que expropriem as classes dominantes. Única exceção talvez, somente o processo de Burkina Faso.

O modelo de desenvolvimento é pautado diretamente pelas Instituições Financeiras Multilaterais. O último documento do Banco Mundial propõe controle das despesas. A sociedade civil global está impedida de influenciar nas organizações financeiras internacionais

Há um movimento consciente, porém, perigoso, de impedir o avanço de uma esquerda antissistêmica. Não há alternativa política contra o social-liberalismo, porque a alternativa é a extrema-direita. Qualquer proposta passa por questionar o social liberalismo que se coloca como única alternativa. Inexistência de um campo anticapital e pós-capital que se coloque como alternativa real.

Quando o capital começa a questionar, o social liberalismo implementa a agenda da extrema direita, como redução do piso da educação, crédito consignado do FGTS do trabalhador, redução dos gastos em saúde, etc. Isso tudo leva a um movimento estrutural que vai fortalecer a extrema-direita, fenômeno observado atualmente em quase todo o mundo.

O arcabouço fiscal tem como objetivos: o controle do mercado de trabalho com baixos salários, gerando uma desmobilização da classe trabalhadora.

Não podemos mais pensar a política fiscal de hoje como a que tínhamos no período pré-2016. A partir daí a política fiscal só pode ser feita sobre os pobres. Este é o momento que marca a ofensiva política da extrema-direita e que dura até hoje, a despeito da derrota eleitoral na eleição de 2022.

Há uma politização do Banco Central. A PEC 65 amplia a autonomia do Banco Central. Copom subiu a taxa de juros em 2,75%.

Muitas falas foram no sentido de que é necessário recuperar a economia dos bens públicos.

Importância de surgimento de alternativas, inclusive eleitorais que consigam pautar os temas estruturais que o Brasil precisa. A população não conhece o debate porque não aparece na política em geral, nem na disputa eleitoral.

PONTOS DE POSSÍVEL DIVERGÊNCIA PARA APROFUNDAMENTO

Uma das maiores divergências diz respeito à avaliação sobre o raio de manobra para enfrentar os problemas de nosso tempo dentro da ordem burguesa. Reforma ou revolução?

O que permeia o que estamos debatendo é o sentido da revolução. Que sentido são esses?

Qual o capitalismo do nosso tempo? Como devemos reagir a ele? Há vários pontos de convergência nesse sentido, mas também há divergências.

Sobre a Questão Nacional: Qual o caráter, as possibilidades e limites do nacionalismo no contexto brasileiro?

Há um lapso de 20 anos na análise sobre a classe dominante no Brasil. Há estudos contemporâneos que analisam essa questão. Quais são, onde estão?

Quais foram as tendências e contratendências à queda da taxa de lucro desde a década de 1970 até os dias atuais?

PROBLEMÁTICAS SURGIDAS NO DEBATE

Se há uma reconfiguração e diversificação da classe trabalhadora, que reconfiguração é essa? De que maneira se organizam as classes dominantes para perpetuar essa relação de exploração?

Como entender a multidimensionalidade do movimento do capital?

Por que um projeto nacional popular tem fracassado no Brasil?

O capitalismo de catástrofe fará emergir o senso de urgência sobre a necessidade de superação do capitalismo? Isso é automático?

Contra quem lutamos? Quem é o inimigo? Quem são os companheiros de viagem?

Não estaríamos combatendo o capitalismo errado, de dois séculos atrás?

Vemos o surgimento de múltiplas formas de rentismo, quais são os mais problemáticos e quais as novas formas de apropriação da riqueza que eles protagonizam?

Por que o arcabouço fiscal é ruim? Como explicar os grandes temas econômicos para o povão? Como popularizar o debate econômico sobre temas que interessam diretamente às maiorias sociais exploradas e oprimidas?

Temos que ir para um movimento de ruptura, mas em quais bases? Só discutimos a agenda do capital. Qual a nossa agenda? Qual a melhor maneira de “atacar” os ricos? Acabar com o arcabouço fiscal? Desmatamento zero? Auditoria da dívida pública? O que mais?

Como explicar os propagados avanços na questão indígena, quando hoje contamos com um Ministério dos Povos Indígenas, ao passo em que vivemos um retrocesso como nunca visto, como a liberação da mineração em terras indígenas e o projeto do Marco Temporal , por exemplo?

E o que dizer da exploração de petróleo pelo Brasil frente às mudanças climáticas e a necessária transição energética? O que implicaria o abandono das fontes fósseis de energia?

Como fazemos para sair de onde estamos, para onde queremos chegar?

Existem setores burgueses nacionalistas no Brasil? Quem são? Onde estão? O que fazem?

Como montar uma agenda positiva que (se) atente para a questão da subjetividade da população no sentido de avançar no sentido de uma economia dos bens públicos?

Tendo em vista que são cíclicas, há um anúncio de uma nova crise financeira internacional? Quais seriam os seus elementos presentes hoje? Ou ainda estamos na esteira da crise de 2007-2008?

A partir da leitura do sistema do capital, quais os desdobramentos sobre o Estado em geral e sobre o brasileiro em particular?

Sistemas econômicos e projetos nacionais, até onde podem ir e quais os seus limites?

A Nova República morreu? O que fazer com ela?

Ao nos aliarmos ao Brics, que industrialização teremos? Vamos produzir hidrogênio verde para produzir aço verde? Como criar uma terceira via? Não seria mais interessante uma plataforma política para influenciar o progressismo no Brasil?

Estiveram presentes ao Encontro: André Lima, Antônio Martins, Antônio Mota, Cláudia Favaro, David Deccache, Denise Gentil, Dirlene Marques, Demian Cunha, Denise Ferraz, Fernanda Mouro, Flaviana Serafim, Hélder Gomes, Gilberto Maringoni, Giselle Florentino, Gorete Gama, João Alberto Lopes, Juan Pablo, Luis Novoa, Plínio de Arruda S. Jr., Júnior Pankararu, Magnólia Said, Marcelo Badaró, Matheus Reis, Marisela Garcia, Miguel Borba de Sá, Rosilene Wansetto, Sandra Quintela, Soraya Tupinambá, Virgínia Fontes, Vanessa Portugal.